

Os professores de Estudos Sociais...

com freqüência expressam sua

frustração diante da falta de

interesse dos alunos e do esforço

de pessoas de fora querendo forçar

conteúdo específico e agendas de

metodologia em suas aulas.

Sem dúvida, a maioria das pessoas consideraria educar jovens para serem bons cidadãos como uma meta digna. Essa tentativa, porém, geralmente se enquadra no guarda-chuva de “Estudos Sociais”,¹ que é onde o problema começa. Infelizmente, os alunos com freqüência consideram esta disciplina como enfadonha e um desperdício de tempo. Pais envolvidos em política e outros adultos podem suspeitar que isso consista em doutrinação de esquerda ou de direita.

Professores de faculdades e universidades menosprezam Estudos Sociais como uma área que engloba tudo, sem substância ou definição real. Os professores de Estudos Sociais, embora creiam firmemente no que estão fazendo, com freqüência expressam sua frustração diante da falta de interesse dos alunos e do esforço de pessoas de fora querendo forçar conteúdo específico e agendas de metodologia em suas aulas.

Essas reações negativas são lembretes infelizes de que, embora os professores individualmente possam ter êxito, os estudos sociais em si ainda precisam conseguir respeito e compreensão acadêmicos e do público em geral.

Propósitos e metas

A despeito desses desafios, os porta-vozes de estudos sociais defendem contínua e confiantemente elevadas metas para essa área. Quase todas as pessoas concordam que as escolas de todos os níveis devem preparar crianças e jovens para se tornarem cidadãos bem informados e ativamente envolvidos. Ronald W. Evans,



Edifício do Supremo Tribunal dos Estados Unidos.

Educando para boa cidadania

Estudos Sociais na educação contemporânea

Gary Land

**Quase todas as pessoas concordam
que as escolas de todos os níveis
devem preparar crianças e jovens
para se tornarem cidadãos bem
informados e ativamente envolvidos.**

professor de Educação na San Diego State University, fala da “necessidade de preparar cidadãos atenciosos, conhecedores, e de pensamento perspicaz.” Em 1987, a Michigan State Board of Education (Secretaria de Educação do Estado de Michigan) descreveu o propósito central do ensino de estudos sociais como “o desenvolvimento de boa cidadania”. Em sua declaração sobre padrões, escrita em resposta ao debate sobre padrões de 1990, o National Council for the Social Studies (NCSS) [Conselho Nacional de Estudos Sociais] declarou que o propósito principal das aulas de estudos sociais é a “promoção da competência cívica – que é o conhecimento, habilidades e atitudes exigidas dos estudantes para serem capazes de assumir a função de ‘cidadãos’ (como Thomas Jefferson a denominou) em nossa república democrática”.²

Segundo esta opinião, os estudos sociais têm um papel singular a desempenhar na democracia, pois ajuda os cidadãos a compreenderem os valores fundamentais da sociedade e como agir inteligentemente no que se refere a esses valores. Sob este ponto de vista, não é suficiente aos alunos simplesmente entenderem e aceitarem “ideais como igualdade, imparcialidade, liberdade e justiça”, eles precisam também aprender “como respeitar os que são diferentes, como cooperar uns com os outros, e como trabalhar juntos para o bem comum”.³ Refletindo a opinião de John Dewey de que as escolas devem ser laboratórios de democracia, a área de estudos sociais busca preparar estudantes para participar no processo político de tomar decisões. Por isso, a meta dos estudos sociais não é simplesmente transmitir conhecimento acadêmico, mas transformar alunos em cidadãos ativos e responsáveis.⁴

**Um breve histórico
dos Estudos Sociais**

A despeito do acordo geral concernente a seus propósitos e metas, a área de

estudos sociais tem enfrentado debates contínuos sobre o melhor modo de implantá-los na sala de aula, e se o currículo deve apoiar as estruturas sociais existentes ou criar ativistas que busquem mudança social.

Por meio desse processo, a história surgiu como o tema central dos estudos sociais, em parte porque os historiadores formaram uma organização profissional antes dos cientistas sociais e também, particularmente dentro do contexto da Primeira Guerra Mundial, porque ensinar história era considerado um meio eficaz de encorajar o patriotismo. Influenciado pelas recomendações do comitê de 1916 e a subsequente formação do Conselho Nacional de Estudos Sociais em 1921, o currículo de estudos sociais que continua a dominar a educação americana tomou forma.

Mas mesmo enquanto este currículo se desenvolveu, os críticos argumentaram que ele encorajava a conformidade social e colocava ênfase excessiva no passado. Liderados por Harold Rugg do Teachers College da Columbia University, os reformadores na década de 1920 começa-

ram a convocar o estabelecimento de uma abordagem centralizada em problemas em vez de histórica para estudos sociais, e a instituição da disciplina Problemas da Democracia como exigência para todo o ensino médio. Em sua história de estudos sociais, Ronald W. Evans, forte defensor de uma abordagem voltada a problemas ou questões, salienta a influência do movimento evangélico social protestante sobre esses reformados, os quais “fizeram uma transferência parcial do poder redentor de instituições religiosas para seculares, desenvolvendo uma opinião da evolução social que defendia que as pessoas podem controlar e melhorar o mundo por meios conscientes”.⁵

A abordagem centralizada em problemas atingiu seu clímax na década de 1930, quando Rugg desenvolveu uma série de livros didáticos, e a Grande Depressão forçou os americanos a reconhecerem a necessidade de mudanças sociais e políticas. Ao mesmo tempo, porém, as várias disciplinas das ciências sociais se tornaram influentes dentro da área. Seus líderes insistiram para que disciplinas como



A meta dos estudos sociais

não é simplesmente transmitir

conhecimento acadêmico, mas

transformar alunos em cidadãos

ativos e responsáveis.

sociologia, governo, e economia fossem ensinadas separadamente. Essa mudança avançou com o surgimento da Guerra Fria, quando os que exigiam uma reforma foram considerados como subvertendo os valores americanos; bem como com o declínio geral do movimento de educação progressiva, que gerara a abordagem centralizada em problemas. Assim sendo, por volta do fim da década de 1950, o NCSS recomendava que os estudos sociais fossem organizados em torno das disciplinas separadas.

O tumulto social e político da década de 1960 produziu ainda outra tentativa de mudança no ensino de estudos sociais. Uma abordagem centralizada em questões, endossada pelo NCSS em 1971, ocupou novamente o centro do palco, principalmente no movimento financiado pelo governo federal “Man: A Course of Study” [Homem: Uma Área de Estudo] (frequentemente referida como “MACOS”), desenvolvida pelo Harvard Educational Development Center [Centro de Desenvolvimento Educacional da Harvard] e lançado no fim da década de 1960. Lá pelo meio da década seguinte, várias organizações políticas conservadoras, jornalistas e políticos haviam descoberto o MACOS e o denunciavam como subvertendo os valores americanos e a moralidade. Juntamente com o esforço para organizar o currículo de estudos sociais em torno de questões, uma nova metodologia de ensino também emergiu, focalizando a investigação. Nesta abordagem, os alunos, em vez de passivamente aprenderem informação de livros didáticos, formulavam perguntas ativamente, as quais os levavam a buscar respostas. Esta metodologia também perturbou os críticos, que acreditavam que ela deixava de indoutrinar os alunos nas tradições americanas.

MACOS e outros programas centralizados em questões logo desapareceram, juntamente com muito da abordagem de investigação. Na década de 1980,



A unidade militar do Emmanuel Missionary College apresenta as bandeiras, em 1943.

surgiu um forte movimento “de volta aos princípios básicos”, encorajado por entidades como a National Endowment for the Humanities e a Bradley Foundation, as quais queriam que as escolas enfatizassem história e geografia. Embora questões como multiculturas continuassem a causar controvérsias, no início do século 21, a disciplina de estudos sociais havia reconquistado muito do seu conteúdo e metodologia tradicionais. Nas palavras do crítico Ronald W. Evans, “na maior parte, tanto o conteúdo como a pedagogia do currículo retêm a constância enraizada nas práticas tradicionais. ... O procedimento educacional está marcado pela continuidade e rotina, pela persistência da recitação e de outras abordagens tradicionais”.⁶

Reconsiderando Estudos Sociais

Nos Estados Unidos, as secretarias de educação nos vários níveis determinam se o currículo de estudos sociais será

organizado em torno de disciplinas ou de questões sociais, mas os professores individualmente controlam a implementação do currículo no dia-a-dia. Mantendo como meta principal a educação de bons cidadãos, os professores podem evitar tomar posição na controvérsia contínua, extraindo de uma variedade de elementos e abordagens enquanto “ajudam os jovens a desenvolverem a habilidade de tomar decisões bem informadas e racionais para o bem público como cidadãos de uma sociedade democrática culturalmente diversa em um mundo interdependente”.⁷

Reformadores como Ronald Evans têm frequentemente descrito a história como uma matéria que enfatiza a memorização por repetição e encoraja as tradicionais em vez das novas formas de compreensão. Entretanto, essas características parecem ser na maioria das vezes resultado de ensinar métodos em vez de qualidades inerentes da disciplina. Quer se ensine história em



O estudo de casos de pessoas como Desmond Doss, opositor adventista consciencioso que ganhou a Medalha de Honra do Congresso Americano, pode ajudar os alunos a explorarem as tensões entre lealdade ao país da pessoa e lealdade a Deus.

níveis fundamental, ou médio, o ensino pode utilizar o passado para iluminar o presente.

Somos lembrados quase diariamente, por meio dos noticiários na mídia, que questões de interpretação constitucional dividem severamente políticos e muito do público, o que resulta em amargas controvérsias sobre a nomeação de juízes para os tribunais federais de apelação e para o Supremo Tribunal. Ao invés de simplesmente exigir que os alunos memorizem os fatos dos casos de *Marbury versus Madison* (1803), *Plessy versus Ferguson* (1896), *Brown versus Secretaria de Educação* (1954), e *Roe versus Wade* (1973), entre outros importantes que tradicionalmente aparecem nas aulas de história americana, o professor que procura educar cidadãos de discernimento utilizará esses casos para ajudar os alunos a compreenderem como e por que a interpretação constitucional tem mudado com o passar do tempo.

Pouco tempo atrás, em um show de entrevistas no noticiário de domingo de manhã, ouvi um senador americano dizer que o direito do aborto estava agora estabelecido como lei, portanto, não podia ser mudado. Qualquer aluno cujo professor o tenha ajudado a entender historicamente a Constituição poderia ter corrigido o senador, salientando que embora precedentes sejam extremamente importantes, não são absolutos. Mesmo quando apoiada por decisões subseqüentes, uma lei esta-

belecida em certo período pode se tornar revogada em outro, conforme foi comprovado na história da segregação. Assim, um estudante que entende essas questões pode se tornar participante ativo no processo político. Tanto para o professor como para o aluno, os fatos não devem ser o fim em si mesmos; devem, porém, contribuir para uma visão compreensiva de como funciona a sociedade e como assumiu a forma atual.

“Patriotismo zeloso”

Outro elemento importante para tornar-se cidadão eficiente é a capacidade de pensar crítica e refletidamente. De fato, em anos recentes, uma expressão popular tem sido “patriotismo zeloso”.⁸ Durante as últimas três décadas ou mais, tem havido um estímulo à educação multicultural que incorpora as opiniões e experiências de homens e mulheres de vários grupos étnicos e classes sócio-econômicas, e de culturas diversificadas. Ao apresentar múltiplas perspectivas, o professor pode ajudar os alunos a aprenderem como comparar e avaliar. Elizabeth Noll, professora de 6ª série, descreve como mudou do “ensino dominado pelos livros didáticos e do aprendizado dominado pelo professor para um método mais centralizado no aprendizado” que incorpora uma variedade de perspectivas. Focalizando o país do qual descendiam muitos membros de sua comunidade, ela e seus alunos desenvolveram uma lista de possíveis fontes de informação como entrevistas, artigos de jornais e revistas, e livros de receita. À medida que os alunos buscavam informação, o professor formulava perguntas como: “Houve contradições na informação que as fontes forneceram?” e “Como diferiram as perspectivas que vocês encontraram?”

Conforme ela desenvolvia esse método no decorrer do ano, mais tarde aplicando-o ao estudo de outros países, Elizabeth Noll descobriu que seus alunos adquiriram uma compreensão “mais valiosa e ampla” do que poderia ser fornecida pelos livros didáticos. “Por meio das várias experiências de leitura, debates, registro do aprendizado, entrevistas, e finalmente ao compartilhar”, ela conclui em seu relato da experiência, “meus alunos desenvolveram um conhecimento que tinha significado pessoal para eles. Esse conhecimento era mais do que sobre um país. Era também sobre eles próprios como aprendizes competentes.”⁹ As habilidades que esses alunos desenvolveram ao comparar e avaliar informação, não só aumentou sua compreensão a respeito do mundo, mas também

os introduziu à habilidade do pensamento crítico. Se for reforçado em outras aulas (e isso é muito importante), esses hábitos mentais os capacitarão a melhor responder aos milhares de opiniões que os cidadãos devem classificar ao tomar decisões sobre questões públicas.

Estudos Sociais na escola adventista

No sistema adventista de educação, a área de Estudos Sociais oferece a oportunidade de considerar o que significa ser um cidadão cristão. Nas séries iniciais do ensino fundamental, o professor deve ajudar os alunos a entenderem, por exemplo, o que significa ser residente de um bairro e as responsabilidades que isso acarreta. À medida que a criança avança para séries mais adiantadas, a história local e do Estado se torna importante, em parte porque dá um senso de localização, o que geralmente falta em sociedades inconstantes. Por meio dessas experiências educacionais, os alunos têm a oportunidade de refletir sobre como seu compromisso cristão pode afetar o modo em que se relacionam com vizinhos não-adventistas ou não cristãos. Devem chegar a compreender que a igreja local faz parte de uma rede de instituições que mantém a comunidade unida. Embora os americanos tenham a tendência de enfatizar o indivíduo isoladamente, a sala de aula cristã, em particular, através da ênfase no fato de que todas as pessoas são criaturas de Deus, formadas à Sua imagem, pode ajudar os alunos a apreciarem a forma em que sua vida está intimamente ligada à daqueles que estão à sua volta.

As aulas de estudos sociais no ensino médio, quer sejam organizadas em torno das disciplinas ou focalizadas em questões sociais, oferecem oportunidade de examinar questões de significado para os cristãos: como se relacionar com o serviço militar e com situações de guerra, responsabilidade social para com os pobres, questões ambientais e relações étnicas. Apesar de os adventistas do sétimo dia estarem há muito tempo preocupados com relações entre igreja e Estado, o surgimento de questões como o aborto, direito dos homossexuais, criacionismo e ensino moral em escolas públicas tem levantado novas questões sobre a função da religião no ambiente público. Subjacente a todos esses debates está a pergunta fundamental do que constitui justiça, um conceito que requer reflexão contínua dos cristãos,¹⁰ incluindo os alunos de ensino médio. A sala de aula de estudos sociais provê um contexto dentro do qual os alunos podem



A sala de aula cristã de estudos sociais pode ajudar os alunos a apreciarem o fato de que todas as pessoas foram criadas à imagem de Deus e estão ligadas como vizinhos na comunidade.

desenvolver sua habilidade de pensamento crítico ao descobrirem que nem todos os cristãos estão em acordo nas várias questões políticas e culturais. Pedir que os alunos leiam, por exemplo, artigos contrastantes de James Dobson, do programa Focus on the Family (Enfoque na Família) e Jim Wallis, do livro *Sojourners*, sobre qualquer dos inúmeros assuntos será de ajuda para compreenderem que cristãos conservadores podem chegar a conclusões diferentes sobre questões públicas.

Implícito na questão de aprender a apreciar e entender múltiplas perspectivas dentro da sala de aula cristã está o assunto da relação entre lealdade ao país da pessoa e lealdade a Deus. Os alunos precisam ser ensinados que a obediência a Deus tem prioridade sobre a fidelidade à nação e a submissão às autoridades legais. Ao mesmo tempo, precisam aprender que classificar essas prioridades e colocá-las em prática nem sempre é fácil. Uma variedade de situações históricas podem ser usadas para estudo de casos a fim de ajudar os alunos a determinarem uma reação cristã adequada para a tensão entre patriotismo, obediência às leis e fé religiosa. Os professores devem usar exemplos bem documentados como ações da Igreja Adventista na Alemanha nazista,¹¹ os esforços de John Henry Weidner para ajudar os judeus a escaparem da França ocupada pelos nazistas,¹² a experiência de Desmond Doss como um “cooperador consciencioso” no exército americano durante a Segunda Guerra Mundial,¹³ e a experiência da denominação com o “Project Whitecoat” nos Estados Unidos, da era da Guerra Fria.¹⁴ Incluir experiências de outras tradições cristãs, como os menonitas,¹⁵ ajudará a aprofundar o debate.

Conclusão

Basicamente, os estudos sociais têm como alvo ajudar crianças e jovens a entenderem que o ser humano viceja em uma comunidade atenciosa. Ser um bom cidadão significa dar de si mesmo desinteressadamente. Ao compreenderem as várias instituições que formam uma comunidade – desde o nível da vizinhança até o cenário internacional – e o desenvolvimento histórico que produziu o mundo no qual vivemos hoje, os alunos estarão preparados para se tornarem cidadãos ativos. A sociedade e o reino de Deus dependem disso.

Gary Land é

professor de História e Coordenador da Cadeira de História e Ciência Política na Universidade Andrews em Berrien Springs, Michigan, E.U.A. Publicou recentemente *Growing Up With Baseball (Nebraska, 2004)* e *Historical Dictionary of the Seventh-day Adventists*.



REFERÊNCIAS

1. A expressão “estudos sociais” é geralmente usada tanto no singular como no plural [em inglês]. Neste artigo foi usada no singular [indicando o nome de uma disciplina ou área de estudo].
2. Jack Allen, “Social Studies: The Humanistic Dimension”, em *Education in the 80's: Social Studies*, editor Jack Allen (Washington, D.C.: National Education Association, 1981), pág. 31; Ronald W. Evans, “Teaching Social Issues: Implementing an Issues-Centered Curriculum”, em *The Social Studies Curriculum: Purposes, Problems, and Possibilities*, edição revisada, E. Wayne Ross, editor (Albany, N.Y.: State University of New York Press, 2001), pág. 293; *Essential Goals and Objectives for Social Studies Education in Michigan (K-12)* (Lansing, Mich.: Michigan State Board of Education, 1987), pág. 1; *Expectations of Excellence: Curriculum Standards for Social Studies*, Bulletin 89 (Washington, D.C.: National Council for the Social Studies, 1994), pág. 3.
3. Adrian Davis, “2001 NCSS Presidential Address”, *Social Education* 66 (Janeiro/ Fevereiro 2002), pág. 72.
4. Veja exemplos em “Creating Effective Citizens: A Position Statement of National Council for the Social Studies”, *Social Education* 65 (Setembro 2001), pág. 319; e C. Frederick Risinger, “Two Different Worlds: The Dilemma Facing Social Studies Teachers”, *Social Education* 66 (Maio/Junho 2002), pág. 233.
5. Ronald W. Evans, *The Social Studies Wars: What Should We Teach the Children?* (New York: Teachers College Press, 2004), pág. 27.
6. *Ibidem*, pág. 177. A maior parte da história anterior dos estudos sociais foi extraída de R. W. Evans.
7. Documentos sobre a definição de estudos sociais submetidos por Margit McGuire, presidente do NCSS, 1991-1992. Arquivo 2, 1991-1992, acesso 960307, NCSS Archive. Citado em *ibidem*, pág. 165.
8. Ver exemplo em Jesus Garcia, “Democracy and Diversity: Social Studies in Action”, *Social Education* 69 (Janeiro/Fevereiro 2005), pág. 56.
9. Elizabeth Noll, “Constructing Knowledge Through Multiple Perspectives: Sixth Graders as Investigators”, em *If This Is Social Studies, Why Isn't It Boring?* Stephanie Steffey e Wendy J. Hood, editores (York, Maine: Stenhouse Publishers, 1994), págs. 45-56.
10. David T. Koyzis fornece uma excelente introdução à perspectiva cristã sobre o tópico justiça em *Political Visions & Illusions: A Survey & Christian Critiques of Contemporary Ideologies* (Downers Grove, Ill.: Inter-Varsity Press, 2003), págs. 244-264.
11. Veja Roland Blaich, “Religion Under National Socialism: The Case of the German Adventist Church”, *Central European History* 26 (Verão, 1994), págs. 255-280; e Roland Blaich, “Divided Loyalties: American and German Seventh-day Adventists and the Second World War”, *Spectrum: Journal of the Association of Adventist Forums* 30 (Inverno 2002), págs. 37-51.
12. Veja Herbert Ford, *Flee the Captor*, edição revisada (Hagerstown, MD.: Review and Herald, 1994).
13. Veja Booton Herndon, *The Unlikeliest Hero: The Story of Desmond T. Doss, Conscientious Objector, Who Won His Nation's Highest Military Honor* (Mountain View, Calif.: Pacific Press, 1967); Frances M. Doss, *Desmond Doss, Conscientious Objector: The Story of an Unlikely Hero* (Nampa, Idaho: Pacific Press Publ. Assn., 2005); e *The Conscientious Objector, A Documentary Film by Terry Benedict* (Calhoun, GA.: Georgia-Cumberland Association of Seventh-day Adventists, 2004), VHS e DVD.
14. Para opiniões contrastantes, veja Seymour Hersh, “Germ Warfare for Alma Mater, God, and Country”, *Ramparts* (Dezembro 1969), págs. 21-24; Martin D. Turner, “Project Whitecoat”, *Spectrum: Journal of the Association of Adventist Forums* 2 (Verão 1970), págs. 55-70; e Robert L. Mole e Dale M. Mole, *For God and Country: Operation Whitecoat, 1954-1973* (New York, N.Y.: TEACH Services, 1998).
15. Veja exemplos em Perry Bush, *Two Kingdoms, Two Loyalties: Mennonite Pacifism in Modern America* (Baltimore, Md.: Johns Hopkins University Press, 1998).